

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 globo

Class.: 68

Data: 17/11/80

Pg.: _____

Índios gaviões protestam contra obra paralisada

BRASÍLIA (O GLOBO) — Depois de quatro anos de negociações com a Eletronorte para receber indenização de Cr\$ 40 milhões pela passagem de uma linha de transmissão pela reserva Parakatege (PA), o que aconteceu em setembro, os índios gaviões estão enfrentando novos problemas, uma vez que o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, em carta datada de 22 de outubro, pediu que o arquiteto Reginaldo Viana Sá paralisasse as obras de construção de 34 casas a eles destinadas, um refeitório e um salão de recreação.

O cacique Kokrenum Jopapaire enviou carta ao coronel Nobre da Veiga, no último dia 29, dizendo que "a comunidade não gostou de sua atitude de mandar parar a obra na aldeia". Depois de lembrar que o arquiteto foi contratado pela comunidade indígena, Kokrenum afirmou que, se a Funai quiser parar a obra, o coronel tem que ir até a aldeia e falar em sua frente, como homem.

— O que é isto, é doido? A Funai não pode parar a obra. Eu não gostei disso — disse o cacique.

NA JUSTIÇA

O superintendente-administrativo da Funai, Otávio Ferreira Lima, por outro lado, disse que ela não determinou a paralisação das obras, mas apenas alertou o arquiteto para os envoltimentos legais de sua contratação pelos índios.

— O problema, atualmente, está na Justiça — acrescentou ele. — Nós queremos saber quais as verdadeiras intenções do arquiteto. Temos recebido muitas informações sobre ele, vindas da Aju-

dância de Altamira, dando conta de inúmeras irregularidades nas obras. Parece que o material usado não é de boa qualidade, que o preço cobrado foi muito alto etc. Se não tomarmos as providências agora, mais tarde dirão que a Funai se omitiu. A Procuradoria Jurídica da Funai está acompanhando tudo.

O problema começou no início de setembro, quando os índios, depois de receberem os Cr\$ 40 milhões de indenização, decidiram construir casas de cimento, com azulejos coloridos e ladrilhos. Para tanto, entraram em contato com o arquiteto Reginaldo Viana Sá e pediram que ele coordenasse as obras.

Reginaldo Sá disse que passou uma semana na aldeia conversando com a comunidade para saber como cada família gostaria de ter sua nova casa. Acrescentou que "a extensão natural das casas habitadas atualmente e a forma original da antiga aldeia foram mantidas".

As casas têm fachadas iguais. Mas o cacique quis uma de dois quartos e o ministro das Finanças pediu um escritório e um banheiro. As outras famílias têm apenas um quarto, uma sala, e uma pequena cozinha.

A obra, segundo Reginaldo Sá, foi orçada em Cr\$ 10 milhões, embora o cacique acredite que o total a ser gasto atingirá Cr\$ 15 milhões. Os azulejos serão comprados em Marabá, de acordo com o gosto de cada família.

PERGUNTAS

Na carta enviada ao arquiteto, o coronel Nobre da Veiga diz que, na qualidade de presidente da Funai, "a cujo órgão está confiada a tutela dos indígenas nacionais, gostaria de obter alguns esclarecimentos". E especifica:

— Gostaria de saber se o senhor, efetivamente, elaborou o projeto da nova aldeia dos índios gaviões e se a construção está confiada à sua pessoa; se dispõe de autorização para permanecer em área indígena.